

Percepção dos discentes sobre o ensino de filosofia no ensino médio

Mayra Othero Nunes Jardim Mugnaini (Universidade Federal do Paraná)¹

Celso João Carminati Universidade do Estado de Santa Catarina²

> 1. INTRODUÇÃO

Este texto é resultado da pesquisa intitulada *O Ensino/Aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio Catarinense* e se constituiu a partir das leituras e observações participantes realizadas no primeiro bimestre, nas três séries do Ensino Médio em três escolas públicas estaduais na cidade de Florianópolis/SC – a considerar: Escola de Educação Básica Padre Anchieta (EEB Anchieta), Escola de Educação Básica Simão José Hess (EEB Simão) e Escola de Educação Básica Leonor de Barros (EEB Leonor).

Assim, por meio desta participação nas aulas e observação do cotidiano pedagógico do ensino da Filosofia nestas escolas, pôde-se contribuir, acompanhar as curiosidades, as expectativas de alunos e professores em relação aos conteúdos, as metodologias e contribuições que o ensino de Filosofia desperta neste período, pós-reintrodução e obrigatoriedade decretada pela Lei Federal nº 11.684 e tendo como ano final de sua implantação o ano de 2012.

Em sua presença no currículo, a disciplina de Filosofia sofreu muitas alterações em relação a sua obrigatoriedade na Educação Básica mas, especificamente no estado de Santa Catarina, ao menos do ponto de vista legal, sua presença é obrigatória nas três séries do ensino médio desde o ano de 1998 – devido a isto, imaginávamos encontrar em nossa pesquisa e análise, um processo de consolidação da disciplina. Em nível nacional, exceto alguns estados, tais como São Paulo e Minas Gerais, foram mais de três décadas em que a disciplina ficou excluída do currículo, sendo apresentada apenas na condição transversal ou optativa.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: mugmaah@gmail.com

² Doutor em Educação. Professor do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: cjarminati@gmail.com

Ainda que a porcentagem de escolas em que as observações participantes foram realizadas seja pequena em relação ao todo, será através destas, que ocorrerá a intenção de levantar uma discussão teórico-crítica com enfoque na prática docente sobre como a disciplina de Filosofia vem sendo compreendida por professores e alunos do ensino médio catarinense. Visto que, diante de tudo o que observamos durante três meses, poderíamos afirmar muitas coisas, relacionadas a cultura, a instituição, as pessoas, ao currículo, aos conteúdos, as metodologias, avaliação, relacionamentos, aprendizagens. Nesse sentido, procuraremos indicar alguns aspectos que nos parecem importantes, porém sem desmerecer outras percepções, indicamos que o modo de ensino/aprendizagem observado em relação à abordagem aos filósofos, é uma:

[...] exposição abstrata e linear das diversas correntes filosóficas, na expectativa de que os alunos memorizem mecanicamente as principais ideias de cada pensador. Nesses moldes, realmente as aulas de Filosofia talvez não contribuíssem muito para sua formação crítica (Silveira, 2011, p.140).

Em contrapartida:

[...] o ensino de Filosofia, mesmo quando concebido como reflexão sobre os problemas da realidade atual, não pode deixar de proporcionar aos alunos o contato com as obras dos filósofos e a história da filosofia, contato este que deve ocorrer pela mediação do professor (Silveira, 2011, p.139).

Em relação à didática e metodologia nas aulas de Filosofia, não há uma padronização oficial, apenas um direcionamento por parte das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, afinal, caso houvesse seria “[...] contrário ao espírito da Filosofia, à sua “natureza aberta” propor qualquer método particular de filosofar como referência obrigatória [...]” (Almeida Junior, 2011, p.42). No entanto, “[...] o ensino de Filosofia feito no Brasil ainda é bastante tradicional³ [...]” (Kohan *et al* 2004, p.273).

Temos que ter de maneira clara que a Filosofia requer um “olhar próprio” devido as suas especificidades, bem como um direcionamento na prática docente, onde não haja apenas uma transmissão de conteúdos pertencentes ao livro didático, mas sim algo global em que estão presentes os “conceitos dos filósofos” e o “ensinar a filosofar” – conforme o que nos expõe Almeida Júnior (2011). Quando ocorre, por exemplo, cenas de bullying dentro da sala de aula ou atos como a agressão de um aluno a professora, Severino (2011) já nos alertava, que a questão do ensino/aprendizagem de Filosofia vai além da ordem política: suas inúmeras dificuldades estão presentes também no próprio processo, na própria sala de aula. São atitudes que não podem ser vistas apenas como algo do cotidiano, há uma necessidade de:

³ Ressaltamos aqui, por exemplo, que não tivemos acesso a um plano de aula na EEB Anchieta ou, ainda, apenas a utilização como plano de aula de um modelo pronto pela professora da EEB Simão, disponível ao final do livro de Marilena Chauí – *Iniciação à Filosofia* (consta a cópia no Anexo 06 – Plano de Aula anual utilizado pela EEB Simão).

Problematizar, desse modo significa ver como *problema*, isto é, como não satisfatoriamente resolvido ou explicado, como passível de dúvida e de averiguação, aquilo que em geral é aceito com naturalidade, com tranquilidade (Silveira, 2001, p.144).

› 2. A PERCEPÇÃO DA FILOSOFIA

Conforme nos sugere Silveira (2011, p. 140), a filosofia deve ter como um dos seus principais objetivos a “busca do saber” – para que haja uma reflexão e problematização das situações cotidianas – e, ao citar Gramsci (2001, p. 343), temos claramente o papel da Filosofia: “[...] contínua solução de problemas colocados pelo desenvolvimento histórico”. Acrescenta-se aqui, que a Filosofia não é apenas a “contínua solução”, mas sim, uma **contínua busca** por essas soluções:

No ensino da filosofia dedicado a não informar historicamente o aluno sobre o desenvolvimento da filosofia passada, mas **a formá-lo culturalmente**, para ajudá-lo a elaborar criticamente o próprio pensamento [...] é necessário partir do que o aluno já conhece, da sua experiência filosófica (após lhe ter demonstrado que ele tem uma tal experiência, que é um ‘filósofo sem o saber’) (GRAMSCI, 2001, p.119) [grifos nossos].

Há uma necessidade urgente em quebrar com a ideia de que a Filosofia ocupa apenas o papel de uma disciplina para a “formação do pensamento crítico dos alunos” (Silveira, 2011, p.139), como se ignorássemos toda a sua dimensão histórica e política. Tal ideia parte não apenas dos planos de ensino e na forma de se ensinar, muitas vezes antiquados, mas também da forma como o profissional docente realiza sua função como educador, para que esse ciclo não se perpetue, o que ainda ocorre. É preciso que haja a inserção de “problemas concretos”, como propõe Silveira (2011, p.150), exemplificando seis temas e as diversas perguntas que estes poderiam ser contemplados (destes, quatro exemplos poderiam ser utilizados diretamente, pois estão contidos no livro didático “Filosofando: Introdução à Filosofia⁴”).

A ideia de que a “Filosofia é o pensar e estamos sempre pensando” (resposta de um aluno no questionário), faz com que tenhamos muito claro que

[...] o ignorante ignora até mesmo o seu não-saber. E por ignorar sua ignorância, toma suas *opiniões* por saberes, satisfazendo-se com elas e dispensando-se de procurar saber mais do que imagina saber. (Silveira, 2011, p.141)

Para 23% do total de alunos que responderam ao questionário, a Filosofia não possui importância alguma, indagamos que estes “[...] não se deem conta, subjetivamente e de imediato, da necessidade de refletirem filosoficamente [...]” (Silveira, 2011, p.151). De modo geral, os alunos não percebem a

⁴ Os itens propostos pelo autor são: “1) Filosofia Política; 2) Epistemologia; 3) Ética; 4) Filosofia da Religião; 5) Antropologia Filosófica; 6) Estética”. Destes, os itens: 1); 3); 5) e 6) estão dispostos no livro didático das autoras Maria Helena Pires Martins e Maria Lúcia Arruda Aranha.

posição social/intelectual que estão inseridos e, sem o questionamento, permanecem nela. Afinal, filosofar/aprender Filosofia, faz com que o sujeito se depare com “[...] toda sua pobreza, sua limitação, sua finitude, sua incompletude, enfim, sua condição humana, isto é, de não-deus que, portanto, pouco ou nada sabe do mundo que o cerca e de si mesmo.” (Silveira, 2011, p.143).

Como então ensinar de modo que ocorra a ligação entre a compreensão da história da filosofia e os interesses dos alunos? Sugerimos que o primeiro passo seja a ligação entre as obras dos filósofos com a atualidade/realidade dos alunos – é preciso realizar uma conectividade às obras, de modo que a história da filosofia (no seu sentido problematizante – o objetivo central é ensinar sobre um determinado conceito filosófico), conforme Almeida Junior (2011, p.46) nos coloca, seja aprendida e apreendida de maneira conjunta com a história geral/dialética e não a história puramente didática.

Ainda que as obras dos filósofos necessitem de uma leitura mais complexa, com essa conexão, esse processo se torna mais fácil; ou seja, o docente precisa realizar uma contextualização dos conteúdos e não apenas uma apresentação e repasse destes – não se ensina apenas, mas é papel do professor instigar no aluno a necessidade destes aprendizados, pois

Ocorre que ambas as dimensões subjetiva e objetiva da necessidade nem sempre são imediatamente percebidas pelos alunos, necessitando de uma *ação mediadora* que as explicita e faça que sejam apreendidas pela consciência individual (Silveira, 2011, p.145).

Conforme Sócrates nos expõe, há uma separação entre “opinião e verdade”, pois a filosofia busca uma “unidade da ideia”, ou seja, a opinião se dá pelo saber, mas o saber não se dá pela opinião – é através da reflexão mediada pelo professor que o senso comum será superado pelos alunos. Afinal, os alunos passam dez anos (excluindo aqui, a Educação Infantil) em um sistema educacional que não contempla a Filosofia como uma disciplina autônoma, com isso, o trabalho de construção da criticidade torna-se ainda mais complexo para o professor – são apenas três anos para que haja um estímulo, o aprendizado e o aprimoramento da busca pelo saber em um ambiente não propício. No entanto, a Filosofia ser parte das disciplinas obrigatórias no Ensino Médio é um grande avanço.

Na pergunta do questionário: “Os conteúdos de Filosofia o auxiliam de alguma maneira nas demais disciplinas?”, treze alunos do total responderam que auxilia na disciplina de História, com destaque para uma das respostas: “Sim, em história pois são quase o mesmo conteúdo”. Ainda que, conforme Almeida Junior (2011) nenhuma Filosofia se faça “[...] fora do espaço e do tempo [...]”:

O objetivo do professor de Filosofia não é ensinar história, nem a história das ideias, mas ensinar os conceitos ou algum determinado conceito, no pensamento de um filósofo. [...] não se deve reduzir o ensino de Filosofia ao *historicismo*, entendido como ensinamento puro e simples da relação entre a teoria dos filósofos e os períodos nos quais viveram; nem tampouco no *enciclopedismo*, que seria a mera repetição erudita dos conceitos e ideias dos filósofos a serem memorizados como as fórmulas matemáticas, ou fatos históricos (Almeida Junior, 2011, p.45/48).

Não se ensina propriamente a filosofar, mas sim sobre a filosofia o que faz com que, posteriormente, o aluno tenha uma autonomia e liberdade:

Seria infantil esperar que qualquer um queira ou possa se tornar um filósofo profissional [...]. Não queremos impor aos nossos estudantes a deformação profissional daqueles que automaticamente consideram sua própria área de atuação como sendo o centro do mundo. A filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica (Adorno, 1995, p.53).

› 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das observações participantes, bem como das inúmeras leituras em relação ao ensino/aprendizagem da Filosofia no ensino médio, chegamos a conclusão de que foi criada uma cultura escolar em que a Educação Básica existe predominantemente para um fim: o vestibular⁵ – excluindo e ignorando toda a sua importância em relação a formação do sujeito e sua formação crítica, como se esta etapa do ensino fosse uma preparação para o Ensino Superior. A Filosofia, nesse sentido, é vista como parte negativa, pois não consta literalmente no programa padrão dos vestibulares de muitas universidades – os alunos, por não compreenderem sua importância histórica e pessoal, a rejeita e não atribui importância.

Há uma necessidade urgente da reformulação do ensino, não como a que o governo propôs anteriormente sobre a “transversalidade” ou como a proposta do governo do estado de São Paulo⁶, que apenas acentua esse papel preparatório e tecnicista da Educação Básica. É preciso enfatizar que a interdisciplinaridade⁷ é positiva em todo esse processo de transformação da educação e que a transversalidade apenas marginaliza ainda mais o ensino da Filosofia, pois: “Os recentes reformadores do Ensino Médio brasileiro entendem que disciplinas só se justificam naqueles casos em que os conteúdos respondem por informações ou por habilidades técnicas” (Severino, 2011, p.83). Ou seja, a mudança seria válida se fosse prática e não apenas um disfarce em que as disciplinas puramente técnicas serão ainda mais enfatizadas/favorecidas no currículo, como nos alerta o mesmo autor, tais mudanças apenas fazem com que haja uma: “[...] redução unilateral da educação a sua função de reprodutora da ideologia vigente no seio da sociedade onde se realiza concretamente a educação escolar” (Ibid, idem).

⁵ “A pequena carga horária da filosofia, via de regra, apenas dois tempos por semana, prejudica ainda mais o professor. Por fim, a filosofia no ensino médio sofre, por tabela, a pressão exercida pelo exame de acesso ao ensino superior, o vestibular, que coloca um peso muito grande nas matérias “tradicionais”, constringendo os interesses e a atenção das escolas, dos professores e estudantes e, muitas vezes, transformando a Filosofia numa disciplina ornamental.” (Kohan *et al*, 2004, p. 269). A regulamentação da Secretaria de Estado da Educação/SC consta que o calendário possui 200 dias letivos, ou seja, 50 semanas de aula – isso acarreta em apenas 50 aulas/ano para a 1ª série e apenas 100 aulas/ano para a 2ª e 3ª séries.

⁶ Para uma maior compreensão sobre, acessar o link da reportagem sobre a proposta: <http://revistaforum.com.br/spressosp/2013/02/governo-estadual-altera-curriculo-do-ensino-fundamental/>

⁷ “A interdisciplinaridade, para ser fecunda, pressupõe que também a Filosofia tenha, no currículo, o *status* de disciplina autônoma.” (Severino, 2011, p.85).

Por uma educação em que haja um ambiente dialógico cultural e que este seja benéfico para todas as áreas de formação do sujeito, ou seja, de maneira emancipatória/autônoma/libertária, que faça com que a Filosofia se transforme: “[...] simultaneamente em crítica da sociedade e guardião da racionalidade humana.” (Zitkoski, 2000, p.262 *apud* Freire, 2009, p.148).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. *A Filosofia e os Professores*. In: _____. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p.51-74.
- ALMEIDA JÚNIOR, J.B. *Fundamentos teórico-metodológico do ensino de Filosofia*. Educação em Revista, Marília, v. 12, n. 01, p.39-50, jan/jun, 2011.
- FREIRE, N. *Contribuições de Paulo Freire para a Pedagogia Crítica: “Educação Emancipatória: A influência de Paulo Freire na educação global” ou “A influência de Paulo Freire na educação para autonomia e libertação”*. Teoría de la Educación. Educación y Cultura em La Sociedad de La Información, vol. 10, num. 03, noviembre, 2009, pp. 141-158. Universidad de Salamanca, España. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=201014898009>
- GALLO, S. *A Filosofia e a Formação do Educador: os desafios da modernidade*. In: BICUDO, M. A. V. e SILVA JÚNIOR, C.A. da. *Formação do Educador*. São Paulo: Unesp, 1996, v. 02, p.107-117.
- GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). *Introdução ao Estudo da Filosofia*. In: _____. *Caderno do Cárcere*. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- KOHAN, W.O. et al. *O Ensino da Filosofia no Brasil: Um mapa das condições atuais*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set/dez, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- RONDON, Roberto. *Ensinar Filosofia com os “bons livros”, como prática de resistência*. In: Revista Linhas, v. 13, nº 1, p. 73 – 87, jan. / jun. 2012.
- SEVERINO, A.J. *Do Ensino da Filosofia: estratégias interdisciplinares*. Educação em Revista, Marília, v. 12, n. 01, p.81-96, jan/jun, 2011.
- SILVEIRA, R.J.T. *Ensino de Filosofia de uma perspectiva histórico-problematizadora*. Educação em Revista, Marília, v. 12, n. 01, p.139-154, jan/jun, 2011.